

OCIDENTE, NOS ÚLTIMOS CINCO SÉCULOS,
PASSOU POR VÁRIOS PROCESSOS HISTÓRICOS

DE CARÁTER EMINENTEMENTE SECULARIZANTE:

RENASCIMENTO, REFORMA PROTESTANTE,

ILUMINISMO, REVOLUÇÃO INDUSTRIAL, URBANIZAÇÃO

CRESCENTE, ASCENSÃO DAS CIÊNCIAS EXATAS, BIOLÓGI-

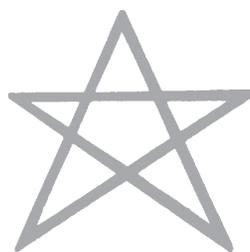
CAS E HUMANAS, EMANCIPAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO

PODER ECLESIAÍSTICO E SUA VIRTUAL SOCIALIZAÇÃO

PARA O CONJUNTO DA POPULAÇÃO, SEPARAÇÃO DA

IGREJA DO ESTADO, LAICIZAÇÃO DA CULTURA E DOS

VALORES, AMPLIAÇÃO DO PLURALISMO RELIGIOSO (1).



RICARDO MARIANO

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: A MAGIA INSTITUCIONALIZADA



*“Os Sete Pecados
Capitais”, de
Hieronymus Bosch*

RICARDO MARIANO
é doutorando em
Sociologia na
FFLCH-USP.

1 O pluralismo religioso, antes de representar eventual “reencantamento do mundo”, colabora para a secularização, já que o aumento da concorrência relativiza as definições religiosas tradicionais da realidade e acarreta racionalização das estruturas religiosas. Cf. Peter Berger, *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*, São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 139-64.

O Brasil, sobretudo da segunda metade do século XIX em diante, paulatinamente passou a beber dessas mesmas fontes modernizantes. Com isso, hoje, pode-se afirmar tranquilamente que os elementos estruturais e simbólicos hegemônicos constitutivos deste país, como escreveu Reginaldo Prandi, são “tipicamente capitalistas, racionais, burocratizados, dessacralizados... Suas instituições, seus governos, mercados, escolas, meios de comunicações, tudo é não-religioso... O comportamento esperado é sempre o fundado na razão” (2).

Apesar dessa extensa secularização, que corrobora em grande parte as previsões, cada vez mais freqüentes a partir do advento do Iluminismo, de um progressivo e inelutável processo de “desencantamento do mundo”, paradoxalmente, deparamos, no Brasil, às vésperas do século XXI, com o extraordinário crescimento de religiões densamente sacrais, mágicas. Surpresa igual sucede quando se observa que esse crescimento, contrariando a tese que vinculava e, em muitos casos, até restringia a magia às áreas e populações rurais, vem ocorrendo mais rápida e intensamente nas metrópoles e nos médios centros urbanos industrializados, os quais, hipoteticamente, estariam destinados a ser *locus* privilegiado da racionalidade científica e da tecnologia de ponta, provocando a retração inexorável do pensamento mágico e de suas variantes nas regiões sob seu domínio (3).

É bem verdade que a vertiginosa expansão do pentecostalismo e, em menor proporção, dos cultos afro-brasileiros (umbanda e candomblé) – as religiões que mais crescem no Brasil – ocorre principalmente, mas não exclusivamente, entre os estratos mais pobres, menos escolarizados (em geral, à margem do pensamento científico e de inúmeros de seus benefícios materiais) e mais escuros da população (4). Por outro lado, outras religiões, como kardecismo e Renovação Católica Carismática, e práticas religiosas, como as genericamente designadas de esoterismo e Nova Era, tão mágicas quanto aquelas, têm se espalhado sobretudo nas classes médias, “público” consumidor preferencial da chamada literatura de auto-ajuda, um dos mercados editoriais mais bem-sucedidos nos últimos

anos. Assim, se a pobreza, a marginalidade social, a baixa escolaridade e até o analfabetismo aparecem fortemente correlacionados com o crescimento do pentecostalismo, por exemplo, o mesmo não ocorre com estas últimas. Ademais, para destacar a complexidade do fenômeno, verifica-se que o Nordeste, justamente a região mais pobre e com os piores indicadores sociais do país, portanto a que teoricamente tenderia a apresentar a maior afinidade com o pentecostalismo ou a que seria mais propícia para sua expansão, até porque foi historicamente uma das primeiras a ser alvo de seu evangelismo, conta com a menor proporção de crentes pentecostais (5). Indicadores de renda e escolaridade mostram-se, pois, insuficientes para explicar o avanço atual desse tipo de religiosidade notadamente mágica, uma vez que tanto multidões de pobres semi-analfabetos quanto expressivos segmentos da classe média escolarizada têm aderido, ainda que de modo, em grau e direções diversos, a tais religiões, práticas e crenças.

O surpreendente não é que as religiões continuem existindo (elas sempre terão seu espaço), mas sim a manutenção e sobretudo a expansão desenfreada daquelas mais escancaradamente mágicas, dado que a progressiva racionalização da sociedade, que incidiu igualmente sobre as instituições religiosas, como demonstra de maneira exemplar a história do protestantismo e da Igreja Católica, parecia implicar necessariamente o declínio da magia. Assim, causa surpresa que religiões mágicas, tais como as acima citadas, em vez de terem se retraído, perdido o sentido, o significado, passado a discursar no vazio ou para interlocutores majoritariamente indiferentes e hostis, prossigam crescendo e estendendo seu poder e influência na vida cotidiana dos indivíduos. O movimento religioso atual, com efeito, rumo num sentido inesperado, praticamente oposto ao previsto, o que aponta para os virtuais limites da secularização no mundo moderno. Tanto assim que o sucesso das religiões sacrais, magicizantes, vem ocorrendo, em grande parte, à custa do enfraquecimento das instituições religiosas tradicionais, secularizadas, as quais, ao menos na teoria, tenderiam a melhor se adequar à (ou gerar menor tensão com outras

2 Cf. Reginaldo Prandi, “Cidade em Transe: Religiões Populares no Brasil no Fim do Século da Razão”, in *Revista USP*, 11, 1991, p. 65.

3 Keith Thomaz (*Religião e o Declínio da Magia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, pp. 524, 541) questiona a “equação fácil” que relaciona agricultura com magia, indústria com racionalismo. Acrescenta ainda que “originalmente magia e ciência andaram de mãos dadas”, parceria que, segundo ele, teria desmoronado somente no final do século XVII. Naturalmente, magia aqui não possui conotação pejorativa nem é compreendida como algo irracional ou uma “falsa ciência”, como apregoava James Frazer, por exemplo. Antes, é entendida como um sistema simbólico construído (a partir de modelos lógicos de pensamento) e compartilhado por determinada coletividade, através do qual (entre outros sistemas simbólicos) orienta seu comportamento e concebe a realidade a seu redor.

4 Cf. Rubem César Fernandes, “Novo Nascimento: os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política” (mimeo. de relatório de pesquisa), Rio de Janeiro, Iser, 1996, pp. 10-2.

5 Cf. Censo Demográfico de 1980. Ver também Reginaldo Prandi e Flávio Pierucci, “Religiões e Voto no Brasil: as Eleições Presidenciais de 1994” (mimeo.), *paper* apresentado no XVIII Encontro Anual da Anpocs, 1994, Tabela 1.1.

esferas de) nossa sociedade secular.

Se as religiões já não dominam o Estado (o que suprime sua capacidade de legitimá-lo), a educação, etc. nem por isso se tornaram irrelevantes, uma vez que permanecem fortemente arraigadas nas consciências individuais e influenciando no comportamento diário dos indivíduos. Tal fato resulta, segundo Berger, da assimetria existente entre a secularização estrutural da sociedade e a secularização das consciências (6). Isto é, a secularização verificada em diversas esferas da vida social não tem sido acompanhada *pari passu* pelas consciências individuais. Daí o recuo da religião da esfera pública, restringindo-se cada vez mais ao domínio da vida privada. Hoje, é sobretudo nessa esfera da vida social que a vasta diversidade de religiões existentes faz sentido, encontra guarida, exerce influência, tem importância. A tal fenômeno se convencionou chamar de privatização da religião, cujo estado paroxístico caracteriza-se pela autonomia individual na prática religiosa, feita no âmbito doméstico, fora das instituições e à revelia de gurus e sacerdotes, reunindo, idiossincrásica e aleatoriamente, elementos rituais e doutrinários de distintas tradições religiosas.

Ao dedicar-se fundamentalmente à vida privada, a religião transforma-se numa esfera cada vez mais relevante como canal de expressão da subjetividade e espaço de sociabilidade em que o indivíduo prevalece sobre o coletivo e a experiência pessoal predomina sobre a reta doutrina. Nada mais moderno. Por isso mesmo, os novos movimentos religiosos, tão adequados ao individualismo típico das sociedades modernas, não podem ser tratados apenas como mero anacronismo, sobrevivência fragmentária, revivescência efêmera de algo que já não tem mais lugar, sentido, nem importância no mundo contemporâneo.

DA REFORMA PROTESTANTE AO NEOPENTECOSTALISMO: O REVIGORAMENTO DA VELHA MAGIA CRISTÃ

A Reforma protestante, além de romper a unidade do cristianismo no Ocidente, representou radical ruptura com os aspectos emi-

nentemente mágicos do catolicismo medieval. Considerado por vários estudiosos um dos promotores da secularização ocidental, por seu combate sem tréguas aos elementos mágicos, muitos deles de origem pagã, presentes na Igreja Católica e mesmo em certas ramificações protestantes, nada permitia prever que, séculos mais tarde, este protestantismo, já no Novo Mundo e com outras configurações, daria origem a uma religião de notável feição magicizante. Pois é este o caso do pentecostalismo, que, embora seu herdeiro, distingue-se teologicamente do protestantismo, grosso modo, por pregar, baseado em *Joel* 2: 38, *Atos* 1: 8 e *Atos* 2, a contemporaneidade dos (nove) dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura, discernimento de espíritos. Isto é, o pentecostalismo, nascido em pleno século XX, ressuscita práticas religiosas e mentalidades próprias do cristianismo primitivo, ao apregoar, distintamente do protestantismo reformado, que Deus continua a agir hoje tal como no passado bíblico, curando enfermos, expulsando demônios, concedendo bênçãos e dons espirituais, fazendo milagres, intervindo na história e na vida cotidiana de seus servos. Da mesma forma, a teoria criacionista, as histórias de Adão e Eva, Noé e sua arca, Jonas e o peixe, Davi e Golias, o nascimento virginal de Cristo, enfim, todo o ideário mítico inscrito nas Escrituras (para eles, a Verdade imutável divinamente inspirada) encontra nos pentecostais e nos grupos protestantes fundamentalistas seus mais ardorosos defensores.

Ironia da história: este pentecostalismo passa a colher “de braçada” seus membros na seara católica no momento mesmo em que a sucursal brasileira da Santa Sé – objeto da intervenção romanizante (derivada da reforma tridentina) que principia em meados do século passado e culmina no Concílio Ecumênico Vaticano II – encontra-se mais nitidamente dessacralizada, deixando sua antiga clientela à mercê da concorrência (7). Numa inversão de papéis, agora é a Igreja Católica que se vê na contingência de “protestar” contra a “ignorância” do povo – como fez o papa na sua última visita ao Brasil (8) – e tecer acusações contra a superstição religiosa dos adversários, tal como faziam os par-

6 Cf. Berger, op. cit., pp. 120-1. Cumpre dizer que contextos sociais e culturais historicamente distintos têm gerado diferentes tipos de secularização, como atestam os modelos norte-americano e europeu.

7 Cf. Prandi, op. cit., pp. 65-9.

8 Cf. *Veja*, 23/10/1991.

tidários da Reforma séculos atrás. A situação atual da Igreja Católica é duplamente difícil. Pois, se por um lado o processo “desmágicizante” (diante do qual o atual apoio à Renovação Carismática representa nítido retrocesso) posto em prática por ela deixou órfãos a maioria de seus fiéis, por outro, o catolicismo popular, sempre desprezado e às vezes até reprimido pela cúpula católica, dado seu caráter mágico e antagônico à erudição teológica e à própria ciência (para a qual a Igreja forçosamente cedeu terreno em diversas matérias), tem facilitado a passagem de católicos para o pentecostalismo, seu principal adversário (9).

Formado no início deste século na região sul dos Estados Unidos e abraçado majoritariamente pelos estratos pobres da população, o pentecostalismo logo se difundiu para os outros continentes (10). Chegou ao Brasil já em 1910 através de um italiano que fundou a Congregação Cristã no Brasil, na cidade de São Paulo. No ano seguinte, em Belém do Pará, surgia a Assembléia de Deus, a maior igreja pentecostal da América do Sul, fundada por dois missionários suecos, convertidos (bem como o italiano) ao pentecostalismo nos Estados Unidos. Nos anos 50, este movimento religioso ganhou novo impulso no país com a chegada de dois missionários norte-americanos da International Church of The Foursquare Gospel. Na capital paulista, fundaram a Igreja do Evangelho Quadrangular e deram início ao evangelismo radiofônico centrado na cura divina, provocando a fragmentação denominacional e dinamizando a expansão do pentecostalismo brasileiro. A partir daí surgiram Brasil para Cristo (1955, SP), Deus É Amor (1962, SP), Casa da Bênção (1964, MG) e diversas outras de menor porte. Em 1977 nasceu no Rio de Janeiro o maior fenômeno religioso brasileiro da atualidade, a Igreja Universal do Reino de Deus, que encabeça o neopentecostalismo, *vertente pentecostal* surgida em meados dos anos 70 à qual pertencem, entre outras, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO), Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), Renascer em Cristo (1986, SP).

A aceleração do crescimento pentecostal se dá justamente a partir da década de 80,

poucos anos após a irrupção do neopentecostalismo. Hoje, a proporção de evangélicos na população brasileira é estimada em 15%, dos quais pelo menos 80% seriam pentecostais (11). Por sua rapidez e amplitude, esta recente transformação religiosa, que faz do Brasil o maior país protestante da América Latina, com cerca de metade dos 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente, constitui séria ameaça à hegemonia católica. Não bastasse a extraordinária expansão deste ramo do cristianismo, sua influência se exerce ainda no avanço da Renovação Católica Carismática (como é chamado o grupo católico pentecostal que já reúne cerca de cinco milhões de adeptos no país) e na progressiva pentecostalização do protestantismo histórico (12).

Comparadas às denominações pentecostais precedentes, as neopentecostais apresentam poucos traços de seita (no sentido sociológico do termo), mostram-se mais flexíveis e adaptadas à sociedade de consumo. Eficientes no *marketing*, fazem intenso evangelismo através da mídia eletrônica. Mais liberais, abandonaram vários traços sectários de sua religião e romperam com o ascetismo contracultural, de origem puritana, personalizado no velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, muitas vezes, estigmatizados. Diminuíram, por princípio e estratégia proselitista, suas exigências éticas e comportamentais. Com isso, “nascido de novo” tornou-se menos traumático.

O neopentecostalismo, com efeito, vem promovendo radical acomodação à sociedade e aos seus valores e interesses notadamente mundanos. Tanto é que no cotidiano de seus cultos, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e seguir seus ensinamentos constituem, acima de tudo, meios infalíveis de o converso se dar bem nesta vida e neste mundo, relegando o velho paraíso celestial a segundo plano. Daí a tarefa primordial desse Deus – razão aliás pela qual Ele é tão assediado, pressionado e até *desafiado* por seus servos – ser a de abençoá-los abundantemente no presente. Os cultos neopentecostais praticamente batem só nesta tecla. Baseiam-se em promessas e rituais para prosperidade, cura física e emocional, libertação de demônios, resolução de

9 Pesquisa de Francisco Cartaxo Rolim (*Pentecostais no Brasil: uma interpretação Sócio-religiosa*, Petrópolis, Vozes, 1985, pp. 159-68) mostrou que a maioria dos convertidos ao pentecostalismo não provém do catolicismo oficial, mas sim do catolicismo devocional ou, nos nossos termos, popular, caracterizado pela devoção aos santos, festas, promessas, peregrinações.

10 Sobre a história da origem e da expansão mundial do pentecostalismo, ver Walter Hollenweger, *El Pentecostalismo: Historia y Doctrinas*, Buenos Aires, Asociación Editorial La Aurora, 1976.

11 O termo evangélico recobre o conjunto do campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma protestante. Desse modo, designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus É Amor, Universal do Reino de Deus, etc.).

12 Fortes indícios desse processo de pentecostalização do protestantismo histórico foram obtidos em pesquisa do Iser no Grande Rio, na qual se verificou que 39% dos membros de igrejas protestantes disseram possuir algum dom do Espírito Santo, enquanto nada menos que 89% deles afirmaram ter recebido alguma bênção divina recentemente (34%, bênção de cura; 32%, bênção material; 20%, espiritual). Cf. Fernandes, op. cit., pp. 30-4.

problemas familiares e afetivos, satisfação de necessidades psíquicas, de expressão e sociabilidade. Apropriados de modo utilitarista, funcionam como verdadeiros prontos-socorros espirituais para atender demandas de problemas do cotidiano de populações carentes e de indivíduos em crise.

Em termos teológicos, o neopentecostalismo caracteriza-se por: 1) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, identificados principalmente com os cultos afro-brasileiros; 2) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico adágio franciscano “é dando que se recebe” e de crenças de que o cristão está destinado a ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em todos os empreendimentos terrenos; 3) refutar bíblicamente os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (13). Como principal representante do neopentecostalismo, a Igreja Universal constitui objeto privilegiado para analisarmos os componentes mágicos presentes na religião pentecostal.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: MULTINACIONAL DO NEOPENTECOSTALISMO

Qualquer um que a tivesse visto surgir na sala de uma ex-funerária do bairro da Abolição não sustentaria grandes expectativas a seu respeito. Seu destino mais provável, como o de tantos grupos pentecostais cismáticos, seria a obscuridade da periferia ou dos entrincheirados morros e favelas do Rio. No entanto, apesar da remota probabilidade de êxito, a história lhe foi bastante generosa, milagrosa até.

Não há como negar que o crescimento da Igreja Universal tem sido impressionante. O número de templos passa de dois mil, o de países atingidos supera cinco dezenas, o de fiéis chega a três milhões. Sua forte inserção nos meios de comunicação de massa (como proprietária de uma rede de TV, cerca de 40 rádios, dois jornais, gráfica e editora), na

política partidária, no mercado fonográfico, imobiliário e até no financeiro, sua competência administrativa, sua vertiginosa expansão no país e no exterior, assim como sua capacidade de mobilizar miríades de fiéis em diversos estados não encontram paralelo na história de nenhuma outra denominação evangélica brasileira. Em apenas 19 anos de existência, conseguiu a proeza de colocar-se entre as maiores denominações evangélicas do país (14).

De onde provém tamanho êxito, tanto poder? De nossa própria sociedade, ou, melhor, de significativa parte dela, já que é em seu interior que a mensagem religiosa da Universal faz sentido, mostra-se eficaz e conquistada multidões de adeptos. Como estes, milhões de brasileiros (em sua maioria católicos não-praticantes) percorrem diariamente as mais diferentes religiões à procura de uma “magia superior” para organizar a vida, superar dificuldades do cotidiano. Por que fazem isso? Fazem não porque careçam necessariamente de outros meios e opções, mas, sim, porque, imersos num caldo cultural hiper-religioso, acreditam *a priori* que podem sanar seus problemas através de seres sobrenaturais, rituais religiosos, procedimentos mágicos. Nesse sentido, o sucesso da Universal – favorecido pela fraqueza institucional da Igreja Católica e pela religiosidade da cultura brasileira (15) – reside na ótima adequação de suas mensagens e práticas a demandas coletivas preexistentes. Somando-se isso à sua elevada competência no uso da mídia eletrônica, resulta que o crescimento da Universal se deve, em grande parte, ao seu êxito em unir o que há de mais moderno e eficiente na área de propaganda e comunicação (rádios, TVs, jornais) com o que há de mais “arcaico” no plano religioso (práticas mágicas, curas sobrenaturais, transes, exorcismos), práticas e crenças que guardam profunda afinidade com as predisposições religiosas dos estratos pobres da população.

Não constitui exagero afirmar que a Universal estabeleceu deliberadamente, com pleno conhecimento de causa, um sistema de magia organizado, por sinal, bem elaborado. Mais e melhor que qualquer igreja pentecostal, ela institucionalizou denominacionalmente

13 Sobre neopentecostalismo e tipologia das formações pentecostais, ver: Ricardo Mariano, *Neopentecostalismo: os Pentecostais Estão Mudando*. Dissertação de mestrado, São Paulo, FFLCH-USP, 1995.

14 No Grande Rio, a Universal só é menor que a Assembleia de Deus e a Batista. Cf. Fernandes, op. cit., p. 8. Para maiores informações sobre a história, a organização eclesial, as estratégias proselitistas e de inserção social da Igreja Universal, ver: Mariano, op. cit., pp. 42-74.

15 Cf. David Martin, *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America*, Oxford, Blackwell, 1990, pp. 60-72, 279.

práticas e crenças mágico-religiosas de inspiração cristã. Isto não deriva automaticamente de sua posição como intermediária do poder divino, até porque todas religiões, em maior ou menor grau, postulam tal prerrogativa. Decorre, acima de tudo, do fato de ela se propor, por intermédio mesmo de poderes sobrenaturais, a resolver todos os problemas terrenos de seus fiéis. É justamente para atender eficientemente a tais interesses e necessidades de sua clientela, pródiga em demandar soluções mágicas, que ela organiza e racionaliza sua oferta de serviços religiosos. Verifica-se isso, de imediato, na rotinização da dispensação das graças divinas e na fixação de uma programação de cultos e rituais para prestar atendimento especializado a problemas determinados. Assim, às segundas-feiras, oferece soluções sobrenaturais para quem deseja prosperidade, às terças, para cura física, às quintas, para problemas familiares e afetivos, às sextas, faz libertação (exorcismo) de demônios, aos sábados, repete ritual para prosperidade. Os cultos de quarta-feira e domingo, dedicados à adoração do Espírito Santo, portanto supostamente sem caráter utilitarista, na realidade, são anunciados como capazes de criar maior intimidade entre fiel e Deus, modalidade de relacionamento que, na cosmovisão difundida pela igreja, tornaria este ainda mais generoso e atento às necessidades dos devotos, “desinteressados” ou não.

A GUERRA CONTRA O DIABO: O EXORCISMO DOS MALES

“A nova de que Cristo rompeu o poder dos demônios pela força de sua inspiração e salvaria seus adeptos do poder deles constituía no cristianismo primitivo uma das mais destacadas e eficazes de suas promessas” (Max Weber) (16).

Em sua curta passagem pela terra o próprio filho de Deus expulsou demônios, falou do fogo eterno preparado para Satanás e seus anjos, mencionou Belzebu e foi tentado pelo Diabo (17). É nestas passagens bíblicas da vida de Jesus e na ordem bíblica dada aos discípulos para expulsarem demônios em seu nome que os

pentecostais se apegam para justificar seus rituais exorcistas. Convicto de que vivemos “em plena era do demonismo” e de que “evangelho é poder” a ser exercido para derrotar Satanás, Edir Macedo, bispo primaz da Universal, radicalizou o cumprimento da obra de esconjuração. Crítico atroz das igrejas crentes que pregam um evangelho “água com açúcar”, afirma ter erguido sua denominação para fazer “um trabalho especial”: a “libertação de pessoas endemoninhadas” (18). No empenho de reforçar a tropa do Senhor dos Exércitos, fez do exorcismo o núcleo dramático de seus cultos, desencadeando a malfadada “guerra santa” (19).

Na Universal, sexta-feira é o dia reservado ao culto de libertação. Fiéis e potenciais conversos, sempre em grande número, frequentam-no para, literalmente, libertar-se de seus demônios. Na prática, porém, em quase todas as suas reuniões diárias, com relativa exceção dos cultos ao Espírito Santo, realizam-se exorcismos de possesores. Eles ocorrem durante as orações feitas pelo pastor, que nas mais longas reveza-se com seus auxiliares. Enquanto os fiéis, de olhos fechados e em pé, oram acompanhando o pastor, os obreiros caminham pela igreja, orando e perscrutando cada um dos presentes, em busca de demônios escondidos. Diante de qualquer indício, como um leve tremor do corpo, lágrimas, desconforto físico, mal-estar, o obreiro avança sobre o fiel, segura sua nuca, impõe uma das mãos sobre sua cabeça, muitas vezes girando-a freneticamente para os lados e para trás (o que contribui para a manifestação), e grita ao pé de seu ouvido para que o demônio se manifeste. Em seguida, em nome de Jesus, vocifera diversas vezes “sai”, “sai”, “queima”, “queima” (como se um ser incorpóreo pudesse ser queimado), até que o possesora seja liberto do espírito demoníaco e, por consequência, de seus problemas. Pois, na ótica macediana, todos os males que afligem a humanidade são causados pelo Diabo e seus anjos decaídos. Cristo, por sua vez, é anunciado como a própria panacéia. Daí que o mal, qualquer que seja, além de devidamente nomeado e diagnosticado, pode ser prontamente sanado através de mediações ritualistas.

Nos casos de possessão mais renitentes o possesora é levado ora para uma sala reserva-

16 Max Weber, *Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva*, Brasília, UnB, 1991, p. 356.

17 Cf. Leszek Kolakowski, “O Diabo”, in *Religião e Sociedade*, 12/1/1985, p. 8.

18 Cf. Edir Macedo, *A Libertação da Teologia*, Rio de Janeiro, Universal Produções, s/d, p. 111; *Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?*, Rio de Janeiro, Universal Produções, 1988, pp. 16, 113, 138.

19 A partir de meados da década de 80, membros da Universal foram responsáveis por diversos casos de agressão e hostilidade a adeptos de cultos afro-brasileiros e à Igreja Católica. Houve reações de federações de umbanda e candomblé e de entidades do movimento negro, que os denunciaram à imprensa, fizeram protestos e exigiram providências da Justiça. Nos anos 90, após Macedo ser processado por vilipêndio a culto religioso, suas manifestações mais hostis arrefeceram. Em 1995, porém, em pleno feriado de Aparecida, o “chute na santa”, gerador de verdadeira comoção nacional, veio uma vez mais revelar a intolerância religiosa desta igreja. Para um relato e análise destes episódios, ver: Mariano, op. cit., pp. 96-144.

da, ora para o púlpito. Neste, diante da assistência, já com o demônio submetido à autoridade divina e “amarrado” (pelo poder de Cristo) para que não machuque nem prejudique mais seu “cavalo”, isto é, com as mãos para trás do corpo em forma de garra (imitação do transe de Exu na umbanda), a estrutura do ritual exorcista ou do diálogo que o pastor estabelece com os deuses e espíritos das religiões inimigas apresenta, em geral, quatro passos. Primeiro, o pastor, ao entrevistar o demônio, procura identificar seu “nome”, invariavelmente uma entidade dos cultos afro-brasileiros. Segundo, pergunta como ele se apossou daquela pessoa (podendo ser por hereditariedade, participação direta ou indireta em terreiros, despachos de “macumba”, feitiçaria). Terceiro, procura descobrir os males e sofrimentos que ele está provocando na vida (familiar, financeira...) de sua vítima. Quarto, depois de humilhá-lo, expulsa-o em nome e para a glória de Cristo. Cada exorcismo, mas sobretudo os realizados no púlpito, porque mais teatrais e espetaculares, vem corroborar, na forma de rito, a verdade da fé pentecostal ou seu caráter bíblico. Serve como demonstração prática do poder de Cristo e da autoridade de seus servos sobre os demônios, além de desancar as religiões adversárias, já que os anjos demoníacos agem através delas.

Nesses rituais exorcistas os demônios são quase sempre identificados com os deuses e guias dos cultos afro-brasileiros. A hostilidade a estas religiões se deve, acima de tudo, ao fato de serem suas principais concorrentes no mercado de soluções simbólicas e prestação de serviços religiosos para os estratos mais pobres da população (20). Mas, nesse afã inquisitorial, ironicamente, a Universal legítima (ainda que pelo avesso, demonizando o que nas religiões rivais é santo, espírito de luz) e incorpora, sincreticamente, elementos da crença, do rito e da visão de mundo da umbanda, do candomblé e mesmo do catolicismo popular. Ao invocar, incorporar, humilhar e exorcizar deuses do panteão das religiões inimigas, torna-as parte integrante de sua própria identidade. Isto é, sem o Diabo, o Grande Adversário incessantemente combatido e expulso, travestido ritualmente nas conhecidas e, muitas vezes, estigmatizadas

figuras do Exu, dos caboclos, pretos-velhos e orixás, a Universal não seria o que é nem o que presume ser.

Contribui para a intensa freqüência desse embate espiritual o fato de seus pastores e fiéis enxergarem a atuação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano. Para eles, não há acaso. Tudo é prenhe de sentido e a *Bíblia*, a verdade eterna, contém todas as respostas de que necessitam. Daí a banalização de fenômenos sobrenaturais nesta igreja e, de modo geral, nos meios pentecostais, os quais – diferentemente dos grupos e teólogos cristãos liberais, para quem os demônios não passam de metáfora, abstração – não estão nem um pouco dispostos a abrir mão do sentido que a personagem do Diabo e a de seu criador e oponente, Deus, são capazes de conferir à caótica e precária vida humana. Este, sem dúvida, constitui bom exemplo do protesto liberador, de que nos adverte Lévi-Strauss, do pensamento mítico “contra a falta de sentido com o qual a ciência, em princípio, se permitiria transigir” (21). Transigência a que se permitem também os adeptos da secularizada teologia liberal, cuja interpretação bíblica fundamenta-se nos métodos e na epistemologia das ciências humanas. Assim, passados dois milênios, a boa nova de que Cristo e seus seguidores possuem poder e autoridade para derrotar Satanás e seus demônios, como salientou Weber a respeito do cristianismo primitivo, firma-se agora como uma das mais destacadas e eficazes promessas dos neopentecostais.

CORRENTES DE ORAÇÃO, OBJETOS BENZIDOS, PRÁTICAS SINCRÉTICAS

Repetitivo, o discurso pregado diariamente pela Universal lida com os mesmos problemas, fornece sempre o mesmo diagnóstico de suas causas e apresenta as mesmas soluções. Para tornar o culto atraente, não enfadonho, algo precisa variar. Variam as formas e a nomenclatura dos rituais ou “correntes” (corrente de Jó, do tapete vermelho, dos 12 apóstolos, do amor, do cheque da abundância, das 91 portas...), assim como o modo de participar deles e o sacrifício (a quantia de dinheiro)

20 Resulta disso que, no Grande Rio (mas, com certeza, não só lá), a Universal é a igreja evangélica de maior sucesso proselitista junto aos cultos afro-brasileiros. Cf. Fernandes, op. cit., p. 19.

21 Claude Lévi-Strauss, *O Pensamento Selvagem*, Campinas, Papirus, 1989, pp. 37-8.

exigido para o fiel habilitar-se a receber bênçãos. Seu repertório simbólico, além de inusitado nos meios pentecostais que, como o protestantismo reformado, sempre foram avessos ao uso de objetos sagrados (tirante a *Bíblia*) para não sucumbirem à idolatria, parece ser inesgotável.

Indiferente às críticas de outras igrejas evangélicas, a Universal freqüentemente distribui aos fiéis objetos benzidos portando poderes mágicos, miraculosos. Essa prática, segundo Macedo, visa despertar a fé das pessoas (22). Depois de consagrados e anunciados como imbuídos de poder divino para resolver problemas de toda espécie, eles são distribuídos em rituais criativos, tendo por referência qualquer passagem ou personagem bíblicos. Não encerram caráter meramente simbólico. Os fiéis só se submetem a pagar as ofertas estipuladas para obter tais objetos (rosa, azeite, perfume do amor, saquinho de sal, sal grosso, galho de arruda, aliança, lenço, água do rio Jordão, xerox de cédula de dinheiro benzida, areia de praia do mar da Galiléia, óleo do Monte das Oliveiras, espada de plástico, cruz, chave, sabonete...) porque crêem piamente que eles estejam dotados de qualidades sacrais, poderes terapêuticos e sobrenaturais.

Para surtir efeito, porém, os fiéis devem participar das correntes de oração durante determinado período, em geral, sete ou nove dias e, em certos casos, até algumas semanas. A quebra da corrente, ou ausência de algum dos cultos, acarreta o não-recebimento da bênção. Quanto aos objetos distribuídos nestas correntes, da mesma forma que na umbanda, por exemplo, os pastores recomendam que eles sejam ora colocados na comida, ora jogados num rio, ora passados no corpo, ora guardados na carteira, carregados pelo fiel e daí por diante. Além disso, documentos, alimentos, peças de vestuário, fotografias são benzidos cotidianamente nos cultos.

Tendo em vista o caráter rotineiro de tais práticas, causa estranheza que um bispo da Universal tenha, em dois programas da rede Record, desferido socos e chutes numa imagem da padroeira do Brasil, protagonizando o maior incidente religioso na história recente do país, para combater a idolatria católica. Pois as práticas da Universal mencionadas encerram crença idêntica à contida no ato de cultuar



*Na outra página,
"Cristo Carregando
a Cruz", de Bosch*

22 Cf. Edir Macedo, *O Despertar da Fé*, Rio de Janeiro, Universal Produções, 1985.



imagens de santos (negada pela cúpula da CNBB, mas efetuada largamente pelos católicos): a crença de que Deus age através de objetos a Ele consagrados por seus intermediários terrenos. Se é assim, por que o bispo da Universal ironizou a desfuncionalidade e impotência da imagem da santa católica? Ele o fez porque defende a exclusividade de sua igreja na intermediação do poder divino e, por consequência, na dotação de poderes sobrenaturais a objetos. A desqualificação da concorrência, nesse caso, teve menos a ver com estreiteza dogmática do que com ação estratégica na disputa pelo mercado religioso.

A Universal não mede esforços para tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religiosos brasileiros. Apela deliberadamente para o sincretismo. Para tanto, distribui objetos benzidos, retira “encostos”, desfaz “mau-olhado” e realiza diversos rituais que, ao menos pelo nome, evocam os das religiões inimigas. Efetua rituais de “fechamento do corpo”, rito típico dos cultos afro-brasileiros, visando a proteção espiritual do fiel. Com sua peculiar “corrente da mesa branca”, alude igualmente ao kardecismo. No dia de Cosme e Damião oferece “balas unguidas” para as crianças, concorrendo com a prática umbandista de distribuição de doces aos erês. Noutra referência à umbanda, a Universal, vez ou outra, mas sempre às sextas-feiras, promove ritual de *descarrego*, no qual o fiel é aspergido com galhos de arruda, molhados em bacias com água benta e sal, para que manifeste demônios e deles seja liberto. Às vezes o fiel a leva para captar os males presentes em sua casa e nos moradores. Transferidos os males para a arruda, ela é levada de volta à igreja para ser queimada. O pastor e deputado federal Paulo De Velasco (PSD/SP) justifica o uso da arruda pela Universal como estratégia para “utilizar o que está arraigado no subconsciente coletivo brasileiro” ou “trabalhar em cima” do que as pessoas acreditam (23). Especialistas em *marketing* não fariam melhor.

FÉ DE RESULTADOS

“Comece hoje, agora mesmo, a cobrar de tudo aquilo que Ele tem prometido... O ditado popular de que ‘promessa é dívida’ se aplica

também para Deus. Tudo aquilo que Ele promete na Sua Palavra é uma dívida que tem para com você... Dar dízimos é candidatar-se a receber bênçãos sem medida, de acordo com o que diz a *Bíblia*... Quando pagamos o dízimo a Deus, Ele fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir a Sua Palavra, reprimendo os espíritos devoradores... Quem é que tem o direito de provar a Deus, de cobrar d’Ele aquilo que prometeu? O dizimista!... Conhecemos muitos homens famosos que provaram a Deus no respeito ao dízimo e se transformaram em grandes milionários, como o sr. Colgate, o sr. Ford e o sr. Caterpillar” (Edir Macedo) (24).

Para Macedo, o pecado cometido por Adão e Eva desfz a comunhão, a aliança ou a “sociedade” existente entre Deus e as criaturas humanas, tornando-as escravas do Diabo. Contudo, como Deus desejava voltar a ser “sócio” dos homens, mandou seu filho unigênito à cruz para expiar o pecado original. Mas os homens também precisam fazer a sua parte para restabelecer a “sociedade com Deus, habilitando-se a desfrutar das promessas divinas de “vida abundante”. Devem pagar dízimos e dar ofertas com amor e alegria, como forma de demonstrar sua fé na Palavra divina.

Nesta relação contratual, se têm deveres para com Deus, os cristãos igualmente têm direitos. Conscientes de seus direitos, podem exigir de Deus o cumprimento deles. Com efeito, Deus torna-se vítima de freqüentes manipulações por parte de seus sócios, até porque não pode se ver livre delas, a menos que “quebre sua Palavra” revelada, algo inimaginável na visão desses crentes. Uma vez satisfeitas as condições contratuais, com o pagamento do dízimo, Ele não pode deixar de cumprir as promessas de repreender o “devorador” (o Diabo e seus demônios) e conceder bênçãos em abundância (25). O Criador não tem escolha senão cumprir o prometido. Presa às promessas que fez, a soberania divina fica seriamente comprometida, tolhida numa camisa-de-força. Encerra-se nisso o paradoxo de que o Criador aparece como radicalmente onipotente e, ao mesmo tempo, passível de ser coagido, manipulado para atender fins terrenos. Assim, o tão anunciado “Deus de poder”, soberano absoluto, curiosamente, deixa-se dispor, por seus intermediários, como serviço para

23 Palestra proferida por De Velasco na Faculdade Metodista de São Bernardo do Campo em 7/6/1993.

24 Edir Macedo, *Vida com Abundância*, Rio de Janeiro, Universal Produções, 1990, pp. 36, 54, 79, 84.

25 Segundo Macedo, as promessas de abundância aos dizimistas e a declaração de que Deus repreenderá o “devorador” da vida financeira dos fiéis, proporcionando-lhes prosperidade, estão contidas nos versículos de *Malaquias* 3: 9, 10, constantemente repisados nos cultos.

satisfazer necessidades e interesses mundanos.

Na Universal, as bênçãos prometidas, desejadas e reivindicadas estão sempre atreladas à fidelidade ao pagamento do dízimo e ao despojamento no ato de ofertar. Cada culto parece ter como objetivo principal a oferta, estimular o fiel a “dar para receber”. Nos sermões, os personagens bíblicos freqüentemente aparecem firmando relações de troca com Deus, as quais, exortam os pastores, devem servir de modelo para os cristãos atuais. Passagens e histórias bíblicas, sobretudo as do Velho Testamento, são interpretadas de molde a encorajar os fiéis a ofertar com “sacrifício”. O incomparável êxito financeiro da Universal, crucial para sua rápida expansão, resulta justamente dessa intermediação das relações de barganha entre Deus e os homens.

A justificativa dessa controversa prática reside na crença de que pagar dízimos e dar ofertas constituem duas das principais formas pelas quais o crente prova e exercita a sua fé. Colocada incessantemente à prova, a fé existe apenas e quando se manifesta concretamente em ação, quando é exercida na prática. Fé, nesta acepção, não é meramente uma crença. Como afirma Macedo, “a fé está ligada à obediência e esta à ação; logo, fé é ação” (26). Assim, fé é ação instrumental, meio para atingir determinado fim ou resultado. Deus prometeu bênçãos, mas para recebê-las o fiel tem de contribuir financeiramente para demonstrar sua fé, canal exclusivo para restabelecer a sociedade com o Todo-Poderoso, afastar os demônios e ser agraciado com uma vida feliz, saudável e próspera. Portanto, é o fiel, através de ações motivadas por sua fé, quem põe em funcionamento o mecanismo da bênção. Pois, sem a ação primeira do fiel de dar, Deus fica atado, não age, nada faz em prol de seu servo. Sem fé, isto é, sem as obras visíveis da fé, o crente não se habilita a receber bênçãos nem adquire direitos de fazer *desafios*, exigências a Deus. Em suma, depreende-se da formulação de Macedo e das estratégias de coleta da Universal que a fé humana, embora obediente aos mandamentos bíblicos, encerra poder para determinar ações divinas.

O crente que almeja receber grandes bênçãos, ou obrigar Deus a ser mais generoso,

precisa ser radical na demonstração de sua fé. Deve fazer coisas que do ponto de vista do “homem natural” e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de coragem. Deve assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, carro, casa, poupança, herança, jóias, caminhão, etc., com a certeza de que reaverá, multiplicado, o que ofertou. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, como admoestam os pastores, “a dúvida é do Diabo”. Bastante estimulada, tal exibição de fé é denominada de “provar” ou “desafiar” a Deus. Ela tem a mesma lógica das outras ofertas, com a diferença de que Deus é “desafiado”, ou fica “obrigado” a conceder bênçãos ainda maiores e mais generosas de acordo com o grau do sacrifício feito pelo fiel e do risco que ele assumiu ao ofertar determinado bem. Distinto da promessa no catolicismo popular, que condiciona o pagamento ao atendimento da súplica, o desafio antecede o recebimento da bênção. O fiel paga primeiro. Coloca-se na posição de credor, *coagindo* Deus a retribuir abundantemente. O desafio financeiro, antes de constituir arriscada aposta, representa a certeza da eficácia da fé como meio de propiciar a intervenção divina sobre determinado infortúnio.

O caráter contratual do dízimo e o aspecto coercitivo e manipulativo dos desafios remetem claramente à magia. Pentecostal, sincrética e desejosa de conquistar as massas, a Universal não poderia resultar em outra coisa. Seu estrondoso crescimento, assim como o do pentecostalismo em geral, porém, não constitui, como poderia parecer, um processo de “reencantamento do mundo”. À medida que esta religião (e as demais), para sobreviver à concorrência e superá-la, vai deixando de ser um fim em si para se configurar como meio (ainda que mágico) para atingir fins delimitados por demandas e imperativos seculares, ela perde sua capacidade de reencantar o mundo (27). Pois, ao manter-se restrita à esfera da vida privada, seu impacto social é atenuado. Torna-se mais uma comodidade de consumo. Consumo que, no limiar do século XXI, só faz crescer. Daí sua relevância para pensarmos a sociedade *de consumo* em que vivemos.

26 Cf. Edir Macedo, *O Despertar da Fé*, op. cit., p. 36. Outra forma de provar a fé pôde ser verificada no final da década passada e início desta, durante os feriados de Sexta-Feira Santa e Nossa Senhora Aparecida, em que a Universal realizou megacultos nos estádios do Maracanã, Morumbi, Pacaembu, nos quais fiéis e convidados, para demonstrar sua fé em Deus, eram instados a despojar-se de óculos, muletas, maços de cigarro e remédios, jogando-os no gramado.

27 Cf. Roy Wallis, “New Religions and the Potential for World Re-enchantment: Religion as Way of Life, Preference and Commodity”, in *Secularization and Religion: the Persisting Tension*, Lausanne, Conférence Internationale de Sociologie des Religions, 1987.